HUGO DE AZEVEDO

«CAMINHO»

RECORDO aquela tarde quente de um longínquo «curso de férias» da Acção Católica em que, por curiosidade, entre vários livros espalhados sobre uma ampla mesa, escolhi um deles, grosso, amarelo, listado de verde, e o abri. Era a primeira edição portuguesa de «Caminho», versão do Cónego Urbano Duarte. Letras nítidas, bem espaçadas, que se faziam ler de um golpe. Mais do que ler, porém, deu-me a impressão de ouvir, distintamente, dentro de mim: «Que a tua vida não seja uma vida estéril. — Sê útil. — Deixa rasto...»; «Não digas: 'Eu sou assim..., são coisas do meu carácter'. São coisas da tua falta de carácter.»...

Não sei se guardei comigo a emoção do momento; aquele livro começava a fazer parte da minha intimidade. Mas fui sabendo mais tarde que essa mesma profunda impressão se repetia em muitos outros, com idêntico sentimento de descoberta interior, com o mesmo desejo de ler tudo de um trago, e com a mesma necessidade de parar depois de cada ponto, na surpresa de estar escutando realmente «confidências de amigo, de irmão, de pai», de alguém que, por maravilha, soubesse tudo o que nos vai por dentro.

Não conhecia ainda o Opus Dei e estava longe de supor que conheceria em breve o seu Fundador, autor do «Caminho», Mons. Escrivá de Balaguer, como de facto aconteceu numa das viagens que nessa época fez a Portugal. Não tinha cultura nem formação suficiente para compreender que me havia encontrado com uma nova espiritualidade. O «Caminho» surgia como uma amizade, como uma dessas amizades que determinam a vida inteira: as suas acusações certeiras como lanças, a compreensão perfeita das dificuldades e manhas interiores, o vigoroso optimismo capaz de sacudir as mais pesadas inércias, os horizontes abertos de apostolado e de intimidade com Deus, e

sobretudo a ligação de tudo isso ao quotidiano, ao prosaico, ao vulgar das miúdas situações do dia a dia, no estudo, na profissão, na família, na roda dos amigos, na rua... nesta vida corrente que parecia dantes o máximo tampão de qualquer anseio espiritual — no «safado comum», como diria Guimarães Rosa...

E assim, muito antes de ouvir falar da «espiritualidade dos leigos», vi-a entrar por mim dentro, manifestar-se maravilhosamente em muitas vidas, e «pegar-se», por reacção em cadeia, onde chegava o «Caminho», quantas vezes por mera casualidade que a Providência tecia: o livro que se deixou por engano em casa de um amigo, ou que se viu à cabeceira de um doente, ou se folheou por desfastio numa sala de visitas... Inclusivamente não católicos, judeus, e até muçulmanos — «anima naturaliter christiana...» — através do «Caminho» começam a amar a Cristo ainda antes de receberem a fé. «Neste livro há algumas coisas com que não estou pesosalmente de acordo» — era a dedicatória de um arquitecto não católico ao seu filho — «mas seguindo os seus conselhos serás feliz, caminharás com segurança pela vida e serás como o teu pai gostaria que fosses»... Aliás, para os próprios católicos há capítulos inteiros que exigem grande formação interior. «Para tirar proveito de «Caminho» — diz a nota editorial que aparece desde a sexta edição portuguesa — «e até para compreendê-lo, requer-se no leitor uma base mínima de formação cristã, de vida de piedade e de experiência apostólica, de sacrificada preocupação pelas almas». É um livro para viver.

Os que já o tinham por amigo estavam bem preparados para a renovação conciliar. A obrigação de santificar-se no mundo já era uma evidência: «Tens obrigação de te santificares. — Tu, também. — Quem pensa que é tarefa exclusiva de sacerdotes e religiosos? / A todos, sem excepção, disse o Senhor: 'Sede perfeitos, como meu Pai Celestial é perfeito'» (291). Outra evidência, o dever apostólico, a que se refere constantemente. Outra, a exigência de seriedade profissional: «Quando fervilham, chefiando manifestações exteriores de religiosidade, pessoas profissionalmente mal conceituadas, com certeza sentis vontade de lhes dizer ao ouvido: Por favor, tenham a bondade de ser menos católicos!» (371). O sentido vocacional do matrimónio: «Ris-te porque te digo que tens «vocação matrimonial»? — Pois é verdade: assim mesmo, vocação» (27). E a piedade doutrinal e litúrgica; a grandeza de visão ecuménica — «Não tenhas espírito provinciano. — Dilata o teu coração, até que seja universal, 'católico'» (7)...

Passaram anos. Em catorze línguas, espalhando-se pelos cinco continentes, este pequeno grande livro ultrapassou recentemente os dois milhões de exemplares. Dois milhões de exemplares que representam bastantes mais milhões de leitores, e de leitores devotados, assíduos — milhões de homens empenhados em viverem completamente a sua fé na rua, no trabalho, no «safado comum», com a simplicidade e naturalidade de um fermento.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei